

Juliana Bittencourt

juvibit@gmail.com

Centro Interpretativo do FEUPmuseu: um espaço de encontro

Bittencourt, J. (2021). Centro Interpretativo do FEUPmuseum: um espaço de encontro. In P. M. Homem, B. Andrez, G. Soares, & L. Amaral (Eds.), *Ensaio e Práticas em Museologia* (Vol. 10, pp. 37-58). Porto: FLUP/DCTP/MMUS. <https://doi.org/10.21747/978-989-9082-06-9/102021a3>

Resumo

Este texto parte de uma reflexão sobre os museus universitários e apresenta-se como uma contribuição para a discussão acerca da pluralidade de características, dinâmicas e/ou modelos institucionais que os mesmos podem desempenhar. Fundamenta-se no pressuposto de que museu universitário possui um modo singular de se apresentar à sociedade face às dinâmicas próprias do ensino e investigação universitária; aos valores de cada universidade; e às funções básicas que um museu deve realizar. Define como contexto de análise o caso do Museu da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUPmuseum). Caracterizado como um modelo polinucleado, o FEUPmuseum integrará a sua estrutura um centro interpretativo e acentuará em seu discurso as dimensões de território, património e educação. Este será um novo espaço de encontro entre a comunidade FEUP, visitantes e a dimensão interpretativa e expositiva do património material e imaterial da faculdade.

Palavras-chave: Museu universitário; Centro interpretativo; Modelo institucional; FEUPmuseum; Património cultural

Nota biográfica

Juliana Bittencourt possui um Bacharelato em Administração, com foco em economia criativa e marketing, pela Escola Superior de Propaganda e Marketing no Rio de Janeiro, Brasil. É mestre em Museologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto em Portugal, tendo desenvolvido o projeto intitulado “Centro Interpretativo do FEUPmuseum: contributo para a sua criação e para uma política de exposição”, sob a orientação da Prof. Doutora Elisa Noronha.

Abstract

The purpose of this text is to provide a critical review and contribution to the discussion about the plurality of characteristics, dynamics and/or institutional models executed at university museums. Despite the dynamics of university teaching and research; the values of each university; and the basic functions that a museum must perform, it is assumed that each university museum has a unique way of presenting itself to the society. For investigation purposes, the museums of the University of Porto are analysed, specially focusing on the case of Museum of the Faculty of Engineering of the University of Porto (FEUPmuseum). Characterized as a polynuclear model, the FEUPmuseum will integrate a Heritage Center into its model, and combine with its discourse the dimensions of territory, heritage, and education. This new space will be an intersection point between the FEUP community, visitors and the interpretive and expository dimension of the faculty's material and intangible heritage.

Keywords: University museum; Heritage center; Institutional model; FEUPmuseum; Cultural heritage

Biographical note

Juliana Bittencourt has a bachelor's degree in Business, with an emphasis in marketing and creative industries, by the Escola Superior de Propaganda e Marketing, Rio de Janeiro, Brazil. In addition, a master's degree in Museology from Faculty of Arts and Humanities of Porto University (FLUP), Porto, Portugal – with culminated at the project entitled “Centro Interpretativo do FEUPmuseum: contributo para a sua criação e para uma política de exposição”, under guidance of Elisa Noronha.

Introdução

Museus universitários são instituições comprometidas com a salvaguarda dos testemunhos tangíveis e intangíveis da atividade humana relacionados com o ensino superior. Representam a comunidade académica, os seus valores e realizações; bem como os seus modos de transmissão de conhecimento e capacidade de inovação (Council of Europe, 2005). Fundamentados em três pilares, ou orientados por três propósitos – ensino, investigação e exposição pública do seu acervo –, os museus universitários são, porém, mais do que agentes na preservação de uma memória coletiva institucional e mais do que meros intérpretes das suas coleções: são lugares que potencialmente contribuem para a construção da cidadania, de modo a promover o diálogo e a discussão sobre as problemáticas contemporâneas (Santos, 1994; Delicado, 2004; Semedo, 2005).

Enquanto instituições permanentes a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, os museus universitários desempenham funções comuns a museus de outras tipologias: adquirir, conservar, pesquisar, comunicar e exibir o património da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite (ICOM, 2007). Ou seja, para além de seus objetivos e necessidades estarem relacionados com os valores da instituição a qual pertence, um museu universitário deve (1) cumprir as funções de um museu, descritas acima; (2) preservar a memória científica, histórica e institucional da universidade; e (3) comunicar à sociedade o património universitário. Esta sua condição complexa é determinante para a definição dos modelos institucionais que assume (Lourenço, 2005).

Em outras palavras, cada museu universitário está associado ou comprometido com um contexto distinto e próprio e, conseqüentemente, atua neste contexto podendo desempenhar uma variedade de modelos institucionais. Entre os modelos institucionais existentes estão, por exemplo, o núcleo museológico, a galeria, a casa-museu, o centro de documentação e o museu. Com o objetivo de contribuir para a discussão acerca da pluralidade de características, dinâmicas e/ou modelos institucionais que os museus universitários podem desempenhar, esta reflexão propõe

Bittencourt, J. (2021). Centro Interpretativo do FEUPmuseum: um espaço de encontro. In P. M. Homem, B. Andrez, G. Soares, & L. Amaral (Eds.), *Ensaio e Práticas em Museologia* (Vol. 10, pp. 37-58). Porto: FLUP/DCTP/MMUS. <https://doi.org/10.21747/978-989-9082-06-9/102021a3>

uma análise do modelo híbrido pretendido pelo Museu da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUPmuseum) constituído na intersecção entre um museu polinucleado e um centro interpretativo.

1. Uma breve reflexão sobre os modelos institucionais dos museus da Universidade do Porto

No final do século XVIII e início do século XX, os museus das universidades portuguesas eram pequenos, organizados por departamentos e com acesso limitado ao público. Os fatores que influenciaram o desenvolvimento dos museus e das coleções nas instituições académicas estavam associados às atividades de ensino e investigação, de modo a complementar de forma pedagógica as aulas (Lourenço & Dias, 2017). Gil (2005) denomina estes espaços como “gabinete de curiosidades” (p. 42), que, por vezes, possuíam uma biblioteca e um laboratório exclusivo para auxiliar a investigação e o ensino acerca das coleções ali guardadas. A responsabilidade sobre tais objetos era de um professor ou do departamento académico (Clercq & Lourenço, 2003).

Pode-se afirmar que, ainda hoje, muitos museus universitários portugueses seguem este modelo, mas não necessariamente assumem a mesma terminologia. Contudo, uma breve análise esquemática dos modelos institucionais existentes na Universidade do Porto (Tab. 1) auxilia na definição de um universo mais diversificado, fruto das dinâmicas próprias de cada museu universitário e da instituição que o está a tutelar – faculdade ou departamento que o museu universitário está associado –, bem como, do modo como cada instituição académica percebe o seu patrónimo e os usos de suas coleções – para fins pedagógicos, para constituir e salvaguardar uma memória institucional, para auxiliar em novos projetos científicos, entre outros.

Bittencourt, J. (2021). Centro Interpretativo do FEUPmuseum: um espaço de encontro. In P. M. Homem, B. Andrez, G. Soares, & L. Amaral (Eds.), *Ensaio e Práticas em Museologia* (Vol. 10, pp. 37-58). Porto: FLUP/DCTP/MMUS. <https://doi.org/10.21747/978-989-9082-06-9/102021a3>

Tab. 1 - Espaços museológicos da Universidade do Porto. Adaptada de Bittencourt (2020, p. 86).

Instituição	Tutela	Natureza da coleção	Espaço expositivo	Tipologia
Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)	Reitoria da Universidade do Porto, com o apoio da Ciência Viva e Banco BPI.	Sua coleção é constituída pelas áreas de conhecimento: geologia, paleontologia, zoologia, arqueologia e etnografia, botânica e ciência.	Aberto ao público com Programação diversa. Bilhete de entrada sob consulta ao website.	Estrutura Bipolar, O MHNC-UP é considerado o polo central. Sua estrutura é baseada nas premissas do Museologia total.
Galeria da Biodiversidade	Reitoria da Universidade do Porto	Seu património está envolto aos temas da biologia, história natural e arte.	Aberto ao público com programação diversa. bilhete de entrada sob consulta ao website.	A Galeria está integra a estrutura do MHNC-UP.
Museu da Faculdade de Belas Artes	Faculdade de Belas Artes	Sua coleção é constituída por esculturas, pinturas, gravuras, objetos de alunos e docentes, bem como, artistas consagrados.	Aberta ao público, Entrada livre.	Museu de Belas Artes.

Galeria dos Leões	Faculdade de Belas Artes (FBAUP)	Espaço destinado a exposições, comercialização e realização de iniciativas dos estudantes, docentes e antigos alunos da FBAUP.	Aberta ao público, entrada livre.	Galeria.
Museu de História da Medicina Prof. Maximiano Lemos	Faculdade de Medicina	Sua coleção é constituída pela evolução histórica da medicina com o património médico.	Todas as visitas são guiadas e requerem marcação prévia.	Museu de História.
Museu de Anatomia da Faculdade de Medicina	Unidade de anatomia da Faculdade de Medicina	Sua coleção é composta por: fotografias, radiografias, desenhos e peças anatómicas que documentavam lições e artigos de investigação.	Todas as visitas ao Museu são guiadas e requerem marcação prévia, bilhete de entrada sob consulta ao website.	Museu de Anatomia.

Bittencourt, J. (2021). Centro Interpretativo do FEUPmuseum: um espaço de encontro. In P. M. Homem, B. Andrez, G. Soares, & L. Amaral (Eds.), *Ensaio e Práticas em Museologia* (Vol. 10, pp. 37-58). Porto: FLUP/DCTP/MMUS. <https://doi.org/10.21747/978-989-9082-06-9/102021a3>

Museu de Anatomia Prof. Nuno Grande	Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar	Sua coleção é composta por modelos anatómicos e peças humanas e de animais.	Acondicionado em um núcleo museológico, sua visita é possível sob marcação prévia.	Núcleo Museológico.
Casa-Museu Abel Salazar	Reitoria da Universidade do Porto e está credenciado na Rede Portuguesa de Museus.	Exposição permanente das obras artística, científica e literária de Abel Salazar.	Aberto ao público com visitas guiadas. Bilhete de entrada sob consulta ao website.	Casa-Museu.
Museu da Faculdade de Farmácia	Faculdade de Farmácia	Sua coleção é composta por instrumentos utilizados na atividade farmacêutica, bem como outras áreas científicas.	Acondicionado em um Núcleo Museológico, sua visita é possível sob marcação prévia.	Núcleo Museológico.
Centro de Documentação da Faculdade De Arquitetura	Faculdade de Arquitetura	Coleção com valor patrimonial, histórico, artístico ou documental relativos à arquitetura e urbanismo português e português.	Acondicionado em depósito. Possível consultar a partir de marcação prévia.	Centro de Documentação integrado ao Serviços de Documentação.

FEUPmuseum	Faculdade de Engenharia do Porto	Sua coleção é centrada Na engenharia portuguesa dos séculos XIX e XX.	Acondicionado em espaços semipúblicos, é possível consultar ao circular pela faculdade ou com marcação prévia.	Caracteriza-se como um museu polinucleado, está a reunir forças para se tornar uma coleção aberta. E integra como uma unidade nos SDI da faculdade em questão.
-------------------	----------------------------------	---	--	--

Através desta análise esquemática é possível observar que todos os espaços museológicos identificados acima colecionam objetos, instrumentos, documentos com valor científico e histórico, como também objetos de relevância artística e cultural, através dos quais atendem à história institucional das respetivas faculdades. São espaços que se diferenciam no modo de expor o património. Uns atribuem prioridade à dimensão interpretativa/comunicativa, como por exemplo, a Galeria da Biodiversidade que faz uso dos fundamentos da Museologia Total (Wagensberg, 2005).

Outros, como Museu de História da Medicina Prof. Maximiano Lemos, organizam a sua coleção exposta sob uma ótica histórica. Mais um distinto modelo identificado é o Centro de Documentação da Faculdade de Arquitetura, um espaço que não expõe, entretanto, condiciona o património em depósito a fim de preservá-lo e disponibilizá-lo à comunidade para investigação ou consulta. Observa-se igualmente que algumas instituições denominadas como museu classificam-se em outras tipologias. Por exemplo, o Museu de Farmácia classifica-se como núcleo museológico, tal qual o Museu de Anatomia Prof. Nuno Grande que ao mesmo tempo em que se classifica

como núcleo museológico, descreve o seu espaço como “uma espécie de laboratório e sala de estudo” (Bittencourt, 2020), o que remete ao modelo de “gabinete de curiosidades”, conforme já citado.

Para além dos modelos já citados, identifica-se entre os museus da Universidade do Porto outra tipologia de instituição museológica de ensino superior, exemplificada pelo FEUPmuseum. Tutelado pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP), o FEUPmuseum posiciona-se na sociedade como um museu universitário que atende a uma estrutura polinucleada, devido à dispersão do seu acervo. Hoje, o FEUPmuseum está a reunir recursos para poder se classificar como uma coleção visitável e pretende atingir esta meta com a criação de um centro interpretativo.

2. FEUPmuseum

O FEUPmuseum é um projeto em construção desde 2004. A sua gestão é da responsabilidade da Unidade de Museu, que por sua vez está integrada nos Serviços de Documentação e Informação (SDI) da FEUP. A Unidade de Museu é responsável pela gestão do património museológico da FEUP, pelas atividades culturais e pela exploração dos acervos documentais, da responsabilidade do SDI. Logo, à gestão do FEUPmuseum compete promover, apoiar e colaborar para a salvaguarda, estudo e divulgação do património museológico da FEUP. O FEUPmuseum possui, como valores do seu modo de trabalhar, as dimensões colaborativa, participativa e experimental; um reflexo dos valores do SDI. Responsável por artefactos com valor museológico da faculdade em questão, o FEUPmuseum trabalha de forma transversal, respeitando as polivalências pedagógicas, investigativas e patrimoniais que os objetos podem conter (Medina 2012; 2014).

Assim, o FEUPmuseum tem como objetivo preservar, documentar, interpretar e divulgar o acervo material e imaterial do seu acervo que são representativas da história, memória e identidade da FEUP (Medina, 2014). O FEUPmuseum trabalha de modo

colaborativo com a comunidade docente, estudantes e investigadores, com a finalidade de transmitir e incentivar a produção de conhecimento sobre as coleções universitárias, acrescentando-lhe valor (Medina, 2012).

As coleções do FEUPmuseum estão divididas em sete grupos disciplinares, correspondentes aos Departamentos e Serviços da FEUP: Engenharia Química, Informática, de Minas, Metalúrgica, Civil, Electrotécnica e Mecânica. Caracterizado como um museu de estrutura polinucleada, parte do seu acervo encontra-se exposto em grandes vitrinas e disperso entre os Departamentos, a Biblioteca e o hall central nos espaços de circulação, sem cumprir com uma narrativa expositiva. As vitrinas visam expor o acervo, criar visibilidade e aproximação com a comunidade FEUP (Medina, 2012).

O FEUPmuseum possui uma reserva no sexto andar da Biblioteca onde acolhe as atuais doações dos professores e académicos da FEUP. Segundo Medina (2020, citada em Bittencourt, 2020), este espaço, no futuro, abrigará um laboratório cujo objetivo será contemplar uma lógica de experimentação e exploração com atividades centradas nas coleções. Assim como outros serviços e departamentos da Faculdade, o FEUPmuseum utiliza também um espaço polivalente no piso zero da Biblioteca, cuja gestão é da competência do SDI, para a realização de atividades culturais e exposições temporárias. Como exemplo, cada dois anos, o FEUPmuseum estuda um núcleo de sua coleção e finaliza o estudo com uma exposição, neste espaço. Este espaço polivalente também é utilizado pela comunidade FEUP no desenvolvimento de exposições, divulgação de projetos de investigação, concurso de fotografia e projetos artísticos (Bittencourt, 2020).

Para a gestão do património, o FEUPmuseum utiliza o *software* chamado *In Arte*. O *software* possui várias funcionalidades, bem como uma base de dados com as fichas de inventário museológico. A base de dados é integrada num catálogo digital *online* e de livre acesso ao público. Logo, ele auxilia o acesso às coleções da FEUP, melhorando as atividades vinculadas à gestão de acervo e à investigação. O catálogo *online* espelha o

caráter polinucleado do museu, como também, viabiliza o acesso em modo digital, mesmo nos horários que a FEUP não está aberta.

A estrutura polinucleado do FEUPmuseum atende a necessidade e objetivos de manter as coleções próximas dos seus departamentos de origem, de acordo com suas múltiplas valências: museológica, de ensino e investigação. Portanto, essa proximidade é imprescindível, de modo a incentivar os alunos a trabalhar com as coleções, a gerar novos conhecimentos e inspirar novas investigações (Medina, 2020, citada em Bittencourt, 2020). Paralelamente, preocupa-se em promover a história e a memória da comunidade académica da FEUP e a sua produção científica, de modo a inspirar e incentivar a comunidade FEUP à novas reflexões e projetos científicos. Assumindo um papel de mediador do património da faculdade em questão, o FEUPmuseum compreende que nem todos os membros da comunidade FEUP, e nem todos os seus visitantes são engenheiros. Logo, o FEUPmuseum procura trabalhar de maneira colaborativa, participativa e experimental, propondo, nas suas atividades e exposições, uma reflexão crítica contemporânea sobre a engenharia. Desta forma, define como um de seus principais desafios encontrar um modelo de museu universitário que atenda as necessidades de sua comunidade e visitantes.

Entre os modelos institucionais possíveis, o FEUPmuseum pretende apresentar-se como uma coleção visitável. Há duas preocupações centrais que fundamentam este seu objetivo. A primeira, a necessidade de estudar as suas as coleções, o que contribui para a compreensão e comunicação da importância dos objetos que as constituem como património da FEUP; a segunda preocupação é o desenvolvimento de “um percurso, um roteiro interno” que permita ligar todas as áreas expositivas do FEUPmuseum “de forma que um visitante interno e externo possa usufruir” a dimensão interpretativa do património (material e imaterial) da FEUP. Neste sentido, propõe uma nova adição a sua estrutura polinucleada e modelo institucional, *i.e.*, a criação de um centro interpretativo, auxiliando, assim, a concretização de seu modelo de museu universitário (Medina, 2020, citada em Bittencourt, 2020).

3. Notas sobre centro interpretativo

O centro interpretativo, enquanto ideia e espaço, surgiu ao fim do século XIX, nos Estados Unidos da América, com o objetivo de promover o património natural dos parques nacionais, preservar o ecossistema e transmitir a importância do seu valor patrimonial para os seus visitantes (sejam turistas ou comunidade). Segundo Izquierdo Tugas, Juan Tresserras e Matamala Mellin (2005) Tilden (1977) foi o primeiro académico a definir o que é um centro interpretativo. Com um olhar voltado para os parques nacionais americanos, o precursor autor constrói uma abordagem de um espaço de educação baseado na preservação da cultura patrimonial nacional:

An educational activity which aims to reveal meanings and relationships through the use of original objects, by firsthand experience, and by illustrative media, rather than simply to communicate factual information (Tilden, 1977, p. 8).

O mesmo autor defendia que, essencialmente, os centros interpretativos uniam dois fatores: o primeiro, interpretar o património que não é visível, isto é, a dimensão imaterial do património, demonstrar a sua importância e revelar o seu valor para um determinado público; o segundo, gerar curiosidade e enriquecer o conhecimento do mesmo, por meio da interpretação.

A conceção de centro interpretativo de Tilden (1977), está fundamentada em três vertentes: educação, património e natureza. Para o autor, a educação era a ferramenta interpretativa do património compreendido nos parques nacionais e, até os anos 1980, esses espaços estavam associados à promoção do turismo natural. Aos poucos, a associação ao ecoturismo tornou-se secundária e os centros interpretativos passaram a estar presentes nos meios urbanos e rurais (Izquierdo Tugas et al., 2005). Esta transformação ocorreu devido a alguns fatores, entre os quais, o facto de os centros interpretativos serem espaços que necessitam de poucos recursos financeiros

para se manterem abertos, sendo uma solução face a necessidade de desenvolver o turismo e valorizar o património local (Pizarro, 2019).

Assim, a relação conceitual entre centro interpretativo e património natural foi-se perdendo, uma vez que a noção de território passou a ganhar força e a incorporar a sua definição. É neste território, onde se encontra o património, que deve ser protegido e salvaguardado. Desta forma, o centro interpretativo é o ponto de intersecção entre o discurso interpretativo do património de um determinado território que necessita ser preservado e a comunicação deste discurso à sociedade. Sendo assim, cada centro interpretativo desenvolve a sua essência e particularidades, seja com o objetivo de promover o turismo, um parque arqueológico, um sítio histórico ou até mesmo uma atividade identitária de uma comunidade (Izquierdo Tugas et al., 2005).

Os centros interpretativos possuem como objetivo educar e consciencializar os visitantes para a importância do património inserido num contexto territorial. Na maioria dos casos, as dimensões materiais e imateriais do património interpretado por estes espaços estão associadas às evidências culturais e/ou naturais. É bastante comum que os centros interpretativos façam uso de ferramentas de exposições criativas, como animações e apresentação em ecrãs, de modo a proporcionar ao visitante uma fácil leitura interpretativa do valor transmitido. Isto é, os centros interpretativos, fazem uso de ferramentas lúdicas para transmitir a importância cultural e identitário do património no território o qual está situado (Izquierdo Tugas, et al., 2005).

Para Binoy (2011), o centro interpretativo tem a função de transmitir e traduzir o património de maneira compreensiva para o público. Parte-se do princípio de que o visitante não percebe o valor do (cultural e identitário) do património, muito menos, a necessidade em preservá-lo e conservá-lo. Logo, é dever do centro interpretativo comunicar de forma a influenciar ou instruir a perceção do visitante. O autor completa explicando que os centros interpretativos podem ser associados a um museu ou serem

independentes, a sua modalidade pode ser variada, assim como, há diversas formas de interpretação do património.

Alguns autores como Pizarro (2019), Chaumier e Jacobi (2008) discutem o limite entre museu e centro interpretativo. A fronteira entre ambos ainda não foi estabelecida e a discussão evidencia a necessidade de maiores estudos nesta área (Pizarro, 2019). Contudo, o museu e o centro interpretativo partilham características e, dado a isso, cria-se a ideia de que os dois são da mesma “família” (Chaumier & Jacobi, 2008). Porém, os centros interpretativos não possuem a obrigatoriedade de constituir um acervo próprio, diferentemente dos museus (Bessard & Robine, 2008). Inclusive, muitos centros interpretativos fazem uso de réplicas ou simplesmente não possuem acervo. Assim, o acervo não fundamenta a existência do centro interpretativo, e, sim, o seu âmbito territorial associado ao património a ser preservado (Pizarro, 2019).

Binoy (2011) procura justificar a diferença entre ambos pelas suas funções: enquanto os centros interpretativos são instituições especializadas em comunicar e interpretar o património imaterial, os museus têm por função recolher, conservar e estudar objetos. Já Pizarro (2019) aponta a diferença nas responsabilidades em ter um acervo. Segundo este autor, além das obrigações em manter o acervo preservado, o museu possui uma estrutura mais complexa do que a do centro interpretativo, de modo que necessita de mais recursos, financeiros ou humanos, para manter o seu funcionamento.

4. Centro interpretativo e património universitário

Durante muito tempo a ideia de património estava diretamente ligada à materialidade – monumentos, sítios, artefactos – e, conseqüentemente, a ideia de museu, à cultura material (Carvalho, 2009). No que diz respeito aos museus universitários, a literatura enfatiza esta ideia, uma vez que, historicamente, foram as coleções de objetos naturais e artificiais que constituíram os “gabinetes de curiosidade” e, depois, os museus. Contudo, a constituição do património é muito mais ampla, inclusive no contexto

universitário. Vai além dos objetos e do espaço museológico, abrange monumentos, observatórios, laboratórios, bibliotecas, arquivos, e todos os produtos científicos associados à investigação e ensino, como livros, artigos, projetos e protótipos. Da mesma forma, engloba as tradições académicas e a identidade de uma comunidade (Lourenço, 2005). É considerado como um legado coletivo partilhado por uma comunidade (Lourenço & Wilson, 2013, referido em Handfas, Granato, & Lourenço, 2016).

Assim, a definição de património universitário é complexa e extremamente ampla. Abrange as dimensões tangíveis e intangíveis, materiais e imateriais, desde objetos que compõem uma coleção de ensino à produção científica associada a uma coleção; os jardins onde ocorrem pontos de encontro que promovem a socialização da comunidade, como também, as tradições culturais como a “praxe”, ritual relacionado com a integração dos jovens que acabaram de chegar ao ensino superior. Em síntese, compreender o património universitário requer não só um olhar cuidadoso sobre as vertentes materiais e imateriais, mas, principalmente, a multidisciplinariedade que une a comunidade representada (Bittencourt, 2020).

Santos (1994) reflete que, no ato de preservar o património, o museu acaba por se apropriar do mesmo e explica que o museu contribui para a formação do cidadão em um “novo fazer cultural” (p. 91). Um ato estritamente ligado ao relacionamento entre museu e educação. A literatura aponta que as práticas museológicas envolvem um trabalho interdisciplinar e multidisciplinar que necessita da participação da comunidade do museu para que o mesmo se mantenha vivo e ativo. E o património cultural tem uma ação importante neste processo, ou seja, “é através da implementação de ações museológicas socialmente engajadas que o património cultural cumpre uma de suas funções primordiais: suscitar a criação de novos conhecimentos” (Figurelli, 2012, p. 53). O museu desempenha a função de mediador entre comunidade, património e território. É neste território onde ocorre a “construção, resinificação e apropriação das identidades” e do património envolvido pela comunidade (Figurelli, 2012).

Alguns museus, em sua construção institucional, têm dificuldade em descentralizar a atenção na dimensão material do património. Quando assumem um trabalho com o território, património e comunidade, esta dificuldade tende a atenuar-se (Carvalho, 2009). Portanto, esta prática auxilia no desenvolvimento de outras narrativas expositivas e o desenvolvimento de atividades culturais associadas a estas dimensões.

E no caso dos museus universitários, a dimensão imaterial do património manifesta-se, como já citado, nas produções académicas, rituais universitários, cultura institucional, história universitária e científica. Já o território está associado ao local onde ocorrem estas manifestações. Por exemplo, a produção académica por diversas vezes ocorre no território universitário, em salas de aula e laboratórios. Por sua vez, o comprometimento com a comunidade está associado à produção de conhecimento e/ou atividades educativas executadas a partir do património universitário. Conclui-se, portanto, que as três vertentes que caracterizam o centro interpretativo - património imaterial, território e educação - vão ao encontro à essência dos museus universitários.

Assim, em seu empreendimento para (re)definir a sua manifestação museológica, o FEUPmuseum planeia manter uma estrutura polinucleada com as coleções expostas nos seus respetivos departamentos de origem, atribuindo ao Centro Interpretativo o designo de existir como um espaço de encontro. Ou seja, para além de auxiliar na sua concretização enquanto uma coleção visitável, o FEUPmuseum pretende que o Centro Interpretativo seja um espaço que conjugue os diferentes núcleos de sua coleção por meio da interpretação do património da Faculdade; um espaço político e educacional responsável pela salvaguarda do património imaterial. Desta forma, o FEUPmuseum pretende tornar-se um agente de produção científica e um canal de diálogo entre a Faculdade e a sociedade por meio do património. Além disto, deseja contribuir para que a comunidade FEUP manifeste e participe ativamente na construção e representação da sua identidade.

Considerações finais

Durante o estudo realizado para o desenvolvimento desta reflexão foi perceptível a diversidade de modelos institucionais desempenhados pelos museus universitários, exemplificados aqui por tipologias identificadas através de uma breve análise dos museus da Universidade do Porto: coleções visitáveis, núcleo museológico, centro interpretativo, centro de documentação, galeria e gabinete de curiosidade.

Foi possível também compreender que, nas universidades, as práticas museológicas são definidas como um serviço à comunidade científica (Kozak, 2015), bem como, agentes de produção científica e mediadores de ideias. O museu universitário cuida do passado e do presente, da memória e da história de uma comunidade académica. Este cuidado resulta no desenvolvimento de novos conhecimentos científicos, no âmbito museológico e patrimonial. Paralelamente, o museu universitário preocupa-se em inspirar e incentivar a comunidade académica à novas reflexões e projetos científicos dentro da universidade (Bittencourt, 2020). Realizar os processos museológicos num espaço em que prevalece o novo é uma ação paradoxal. No entanto, são processos importantes para compreender o passado, divulgar a memória e auxiliar na construção de um futuro.

Assim, independente do modelo desempenhado, todo museu universitário necessita da união entre professores, investigadores, alunos, museólogos e a direção da universidade para ser constituído e a funcionar dentro da instituição. Em outras palavras, o funcionamento de um museu universitário depende da união transdisciplinar entre os campos da ciência investigativa e do ensino com a museologia.

No que diz respeito ao FEUPmuseum, uma das particularidades centrais do modelo pretendido é a intersecção entre o museu e o centro interpretativo. Território, educação e a dimensão imaterial do património são elementos comuns possíveis de serem observados nestes espaços, assim como, uma contínua transformação

Bittencourt, J. (2021). Centro Interpretativo do FEUPmuseu: um espaço de encontro. In P. M. Homem, B. Andrez, G. Soares, & L. Amaral (Eds.), *Ensaio e Práticas em Museologia* (Vol. 10, pp. 37-58). Porto: FLUP/DCTP/MMUS. <https://doi.org/10.21747/978-989-9082-06-9/102021a3>

institucional por acompanharem as dinâmicas sociais de suas comunidades. Ou seja, os centros interpretativos estão enraizados em seu território, onde estabelecem um relacionamento com a sua comunidade por meio da identidade, e são pautados na preservação e comunicação de valores, memórias e do património (Bittencourt, 2020).

Neste sentido, o Centro Interpretativo do FEUPmuseu é pensado como um espaço de encontro, político e educacional que conjugará os diferentes núcleos do Museu por meio da interpretação do património da FEUP, de modo a contribuir para democratizar a memória institucional e comunicar as produções científicas da mesma, isto é, a dimensão imaterial do seu património.

Desta forma, o FEUPmuseu pretende tornar-se um agente de produção científica e um canal de diálogo entre a FEUP e a sociedade, por meio do património. Além disto, deseja ser um ponto de encontro que possibilite a comunidade FEUP manifestar e participar ativamente na sua identidade.

Agradecimentos

A autora expressa os seus agradecimentos à Prof. Doutora Elisa Noronha, pelo imenso suporte, paciência e dedicação, à coordenadora técnica do FEUPmuseu Susana Medina pela disponibilidade, incentivo e carinho, e a toda a equipa do SDI da FEUP pelo acolhimento e auxílio em múltiplas situações.

Referências

- Bessard, M., & Robine, N. (2008). Les centres d'interprétation dans leur relation à la recherche et à la diffusion. *La Lettre de l'OCIM. Musées, Patrimoine et Culture Scientifiques et Techniques*, 119, 12-17. <https://doi.org/10.4000/ocim.349>

Bittencourt, J. (2021). Centro Interpretativo do FEUPmuseum: um espaço de encontro. In P. M. Homem, B. Andrez, G. Soares, & L. Amaral (Eds.), *Ensaio e Práticas em Museologia* (Vol. 10, pp. 37-58). Porto: FLUP/DCTP/MMUS. <https://doi.org/10.21747/978-989-9082-06-9/102021a3>

- Binoy, A. T. (2011) Archaeological and heritage tourism interpretation: a study. *South Asian Journal of Tourism and Heritage*, 4(1), 101-107.
- Bittencourt, J. (2020). *Centro Interpretativo do FEUPmuseum: Contributo para a sua Criação e para uma Política de Exposição*. (Dissertação de Mestrado em Museologia, Universidade de Porto). Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/130231>
- Carvalho, A. (2009). *Os Museus e o Património Cultural Imaterial: Estratégias para o Desenvolvimento de Boas Práticas* (Dissertação de Mestrado em Museologia, Universidade de Évora). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/296327495_Os_Museus_e_o_Patrimonio_Cultural_Imaterial_Estrategias_para_o_Developolvimento_de_Boas_Praticas
- Chaumier, S., & Jacobi, D. (2008). Nouveaux regards sur l'interprétation et les centres d'interprétation. *La Lettre de l'OCIM. Musées, Patrimoine et Culture Scientifiques et Techniques*, 119, 4-11. <https://doi.org/10.4000/ocim.348>
- Clercq, S. W., & Lourenço, M. C. (2003). A globe is just another tool: understanding the role of objects in university. In UMAC (Ed.), *University Museums and Collections. ICOM Study Series* (Vol.11, pp. 4-6). Disponível em: https://icom.museum/wp-content/uploads/2018/07/11_ICOM-UMAC.pdf
- Council of Europe (2005). *Recommendation of the Committee of Ministers to member states on the governance and management of university heritage* (Adopted by the Committee of Ministers on 7 December 2005 at the 950th meeting of the Ministers' Deputies). Strasbourg, Council of Europe, European Union. Disponível em: <https://wcd.coe.int/ViewDoc.jsp?id=1954741&Site=CM>
- Delicado, A. (2004, setembro 16-18). *Para que servem os museus científicos? Funções e finalidades dos espaços de musealização da ciência* [Paper presented]. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, Portugal. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/AnaDelicado.pdf>
- Figurelli, G. R. (2012). Articulação entre educação e museologia. In G. R. Figurelli (Ed.), *Cadernos de Sociomuseologia: O Público Esquecido pelo Serviço*

Bittencourt, J. (2021). Centro Interpretativo do FEUPmuseum: um espaço de encontro. In P. M. Homem, B. Andrez, G. Soares, & L. Amaral (Eds.), *Ensaio e Práticas em Museologia* (Vol. 10, pp. 37-58). Porto: FLUP/DCTP/MMUS. <https://doi.org/10.21747/978-989-9082-06-9/102021a3>

Educativo (Vol. 44, pp. 37-64). Lisboa: Universidade Lusófona. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/2872>

- Gil, F. B. (2005). Museus Universitários: sua especificidade no âmbito da museologia. In A. Coelho & A. Semedo (Coord.), *Coleções de Ciências Físicas e Tecnológicas em Museus Universitários: Homenagem a Fernando Bragança Gil* (pp. 33-54). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Secção de Museologia do Departamento de Ciências e Técnicas do Património. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/21193>
- Handfas, E. R., Granato, M., & Lourenco, M. C. (2016). O patrimônio cultural universitário de ciência e tecnologia: os acervos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, 9(2). Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/405/405>
- International Council of Museums [ICOM] (2007). *ICOM Statutes*, adopted by the 22nd General Assembly in Vienna, Austria, on 24 August 2007. Disponível em: <https://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/museum-definition/>
- Izquierdo Tugas, P., Juan Tresserras, J., & Matamala Mellin, J. C. (2005). *Heritage Interpretation Centres: The Hicira Handbook*. Barcelona, Espanha. Disponível em: https://www.diba.cat/c/document_library/get_file?uuid=63952a92-928c-4eb9-a698-587bea5cf637&groupId=99058
- Kozak, Z. (2007). *Promoting the Past, Preserving the Future: British University Heritage Collections and Identity Marketing* (PhD Thesis, University of St Andrews). Disponível em: <http://hdl.handle.net/10023/408>
- Lourenço, M. C. (2005). *Entre Deux Mondes. La Spécificité et le Rôle Contemporain des Collections et Musées des Universités en Europe / Between Two Worlds: The Distinct Nature and Contemporary Significance of University Museums and Collections in Europe* (Thèse de Doctorat, Histoire des Techniques, Muséologie, Conservatoire National des Arts et Métiers. École

Bittencourt, J. (2021). Centro Interpretativo do FEUPmuseum: um espaço de encontro. In P. M. Homem, B. Andrez, G. Soares, & L. Amaral (Eds.), *Ensaio e Práticas em Museologia* (Vol. 10, pp. 37-58). Porto: FLUP/DCTP/MMUS. <https://doi.org/10.21747/978-989-9082-06-9/102021a3>

Doctorale Technologique et Professionnelle. Paris). Disponível em:

<https://webpages.ciencias.ulisboa.pt/~mclourenco/chapters/MCL2005.pdf>

- Lourenço, M. C., & Dias, J. P. S. (2017) "Time Capsules" of Science: Museums, Collections, and Scientific Heritage in Portugal, *ISIS* v.108, no. 2 (pp.390-398). Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/full/10.1086/692690>
- Medina, S. (2012). *Museus da Universidade do Porto: Diagnóstico*. Documento não publicado. Porto: FEUP.
- Medina, S. (2014). Museu FEUP: estratégias e métodos para a gestão de produtos do conhecimento. In A. Semedo, E. N. Nascimento & R. Centeno (Coords.), *Atas do Seminário internacional O Futuro dos Museus Universitários em Perspetiva* (pp. 123-132). Porto: Universidade do Porto. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/76434>
- Pizarro, M. M. S. (2019). Centros interpretativos. In Direção Regional de Cultura do Norte – Ministério da Cultura (Ed.), *Centros Interpretativos: Técnicas, Espaços, Conceitos e Discursos* (Vol. 3, pp. 9-24). Disponível em: https://issuu.com/cultura.norte/docs/cole__o_patrim_nioanorte_n_3
- Santos, M. C. T. M. (1994). Documentação museológica, educação e cidadania. *Cadernos de Sociomuseologia*, 3(3), 79-92. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/308>.
- Semedo, A. (2005). Que museus universitários de ciências físicas e tecnológicas? In A. Coelho & A. Semedo (Coord.), *Coleções de Ciências Físicas e Tecnológicas em Museus Universitários: Homenagem a Fernando Bragança Gil* (pp. 265-281). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Secção de Museologia do Departamento de Ciências e Técnicas do Património. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/21193>
- Taub, L. (2003). The history of science through academic collections. In UMAC (Ed.), *University Museums and Collections. ICOM Study Series* (Vol.11, pp. 14-

Bittencourt, J. (2021). Centro Interpretativo do FEUPmuseum: um espaço de encontro. In P. M. Homem, B. Andrez, G. Soares, & L. Amaral (Eds.), *Ensaio e Práticas em Museologia* (Vol. 10, pp. 37-58). Porto: FLUP/DCTP/MMUS. <https://doi.org/10.21747/978-989-9082-06-9/102021a3>

16). Disponível em: https://icom.museum/wp-content/uploads/2018/07/11_ICOM-UMAC.pdf#page=14

- Theologi-Gouti, P. (2003). Le musée de sciences et techniques : archives de la recherche universitaire ouvertes aux différents publics. In UMAC (Ed.), *University Museums and Collections. ICOM Study Series* (Vol.11, pp. 12-13). Disponível em: https://icom.museum/wp-content/uploads/2018/07/11_ICOM-UMAC.pdf
- Tilden, F. (1977). *Interpreting our Heritage: Principles and Practices for Visitor Services in Parks, Museums, and Historic Places* (3rd ed). Chapel Hill, EUA: University of North Carolina Press.
- Wagensberg, J. (2005). O museu" total", uma ferramenta para a mudança social. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 12, 309-321. Disponível em: <http://www.museudavida.fiocruz.br/4scwc/Texto%20Provocativo%20-%20Jorge%20Wagensberg.pdf>